

O CONTO ORAL NA ESCOLA: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM EM AULAS DE LINGUAGEM

Valdirene de Jesus Alves¹
Ana Maria Oliveira Lima²
Verônica Maria Araújo dos Santos³

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las, e ela se perde quando as histórias não são mais contadas.

Walter Benjamin

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada no município de Palmas de Monte Alto, Bahia, a partir da apreciação de um *corpus* de narrativas de tradição oral veiculadas pelos moradores do lugar, as quais foram analisadas sob duas perspectivas: a primeira incidiu sobre os elementos simbólicos presentes nas narrativas, evidenciando-as como espaço revelador de memória e do imaginário coletivo; a segunda contemplou a arquitetura, os aspectos discursivos e linguísticos das narrativas, delineando as características do gênero conto oral e sinalizando a sua aplicação em aulas de língua materna, a qual deu corpo a esse aporte. Para isso, buscou-se fundamento nos pressupostos da literatura oral e da linguística, principalmente os que se referem ao estudo do gênero: Cascudo (2006), Bakhtin (1997), Schneuwly e Dolz (2004), Marcuschi (2003; 2005; 2007; 2010). Objetiva-se, assim, contribuir não apenas para o registro e compreensão das narrativas, mas para sinalizar uma abordagem do gênero conto oral em aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: tradição oral, gêneros orais, sequência didática, ensino.

1. Gênero Conto Oral na Escola

O sustentáculo teórico desse trabalho defende a entrada do conto oral na escola, por reconhecer a sua importância enquanto tradição criada, recriada e preservada ao longo do tempo por meio dos artifícios narrativos da memória. Para isso, os contos orais, coletados no contexto montealtenses são analisados como gêneros discursivos, caracterizados a partir dos pressupostos teóricos que defendem a ideia de gênero como prática sócio-histórica e, por fim, apresentados em uma proposta concreta de transposição didática para o ensino em aulas de Língua Portuguesa.

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino de Palmas de Monte Alto e Mestranda do Programa de Mestrado em Letras: cultura, educação e linguagens da UESB/Vitória da Conquista. E-mail: val_gl@yahoo.com.br

² Professora Auxiliar da UESB; Mestranda do Programa de Mestrado em Letras: cultura, educação e linguagens da UESB/Vitória da Conquista. E-mail: anaalima2005@yahoo.com.br

³ Professora da Rede Estadual de Ensino e Mestranda do Programa de Mestrado em Letras: cultura, educação e linguagens da UESB/Vitória da Conquista. E-mail: veomaria.cte@hotmail.com

Na perspectiva bakhtiniana, os gêneros discursivos são definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, aceitos socialmente e caracterizados pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional” (Bakhtin, 1997, p. 280). Para esse autor, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera de atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p. 280). Desse modo, a concepção de gêneros discursivos ultrapassa a esfera linguística-textual e engloba características sócio-históricas de produção e circulação dos enunciados.

A noção de gêneros do discurso em Bakhtin, segundo Faraco (2003), parte da relação que o autor estabelece entre a utilização da linguagem e a atividade humana, ou seja, todos os campos da atividade humana estão relacionados às esferas de uso da linguagem, que lhes são correspondentes. Considerando que as possibilidades de atividades humanas são inesgotáveis e que cada esfera social possui seu repertório de gêneros, o qual amplia e se modifica à medida que a própria esfera se torna mais complexa; a quantidade e a heterogeneidade dos gêneros discursivos também são infinitas.

Nessa ordem de ideias, Bakhtin (1997) faz ainda a distinção entre gêneros primários e secundários. Não se trata de uma diferenciação funcional, mas de contraposições entre a esfera cultural e cotidiana dos processos de interação verbal. Assim, gêneros primários são aqueles – orais e escritos – que se desenvolvem numa situação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano (conversa familiar, carta, bilhete) e que podem ser facilmente aprendidos por apresentar aspectos mais simples. Os gêneros secundários, em contrapartida, aparecem em situações de comunicação cultural mais complexas, no domínio dos sistemas ideológicos constituídos (na esfera científica, religiosa, artística entre outros), transmutando e absorvendo em seu processo de formação os primários.

Esse processo de transmutação prova que os gêneros não são estanques e sua estabilidade é apenas relativa, uma vez que muitos deles moldados numa determinada esfera cultural podem ser transferidas para outra por processos de evolução, transformação ou absorção por outros gêneros. O nascimento e o desenvolvimento dos gêneros discursivos estão relacionados com necessidades das formas de interação humana que se tornam cada vez mais complexas.

Os postulados teóricos sobre gêneros discursivos não foram pensados objetivando uma proposta didático-epistemológica para o âmbito escolar. Entretanto,

são múltiplas as apropriações que a academia faz desse conceito com foco para as práticas escolares. Dentre os diversos referências teóricos que defendem um trabalho com gêneros para o ensino de língua materna, esse estudo pautará na abordagem que mais repercutiu no cenário educacional brasileiro: a escola de Genebra a partir dos pesquisadores Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz.

Schneuwly (2004, p. 138) ao defender o ensino da linguagem mediada pelo gênero, considera que o desenvolvimento da linguagem, bem como o seu domínio somente se efetiva por intermédio da aprendizagem de gêneros: “saber falar, não importa em que língua, é dominar os gêneros que nela emergiram historicamente, dos mais simples ao mais complexo”.

Situando a noção de gênero como megainstrumento que se realiza mediante as práticas de linguagem, Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que o instrumento é meio pelo qual o indivíduo age materializando as atividades de interação verbal. Logo, aprender a falar e a escrever significa apropriar-se de instrumentos – gêneros dos discursos – necessários para a realização dessas práticas. Por isso, esses autores argumentam a favor do ensino de gêneros, postulando que comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente. Dessa forma, “o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 76).

Numa perspectiva bakhtiniana, os gêneros como instrumentos são constituídos por: conteúdos e conhecimentos dizíveis; elementos da estrutura comunicativa e semiótica que pertencem ao gênero; os mecanismos linguísticos: posição do enunciador, sequências textuais, tipos discursivos (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004).

Lopes-Rossi (2004) traz significativas contribuições para a apropriação do gênero como instrumento de ensino-aprendizagem em sala de aula, esboçando os procedimentos de sua apreensão nas dimensões discursivas, composicionais e linguísticas, de estilo e enunciativas do gênero escolhido, de modo que se observe os seguintes passos:

- escolha de um *corpus* para análise;
- finalidade social do gênero, suas condições de produção e circulação;
- ciência das características composicionais verbais e não-verbais;
- conhecimento dos elementos da organização e das características verbal e dos elementos não verbais;

- observação das características linguísticas e de estilo – aspectos formais, vocabulário e outros microestruturais;
- identificação das marcas enunciativas apoiado em fundamentos da Análise do Discurso.

As pressuposições de Lopes-Rossi são imprescindíveis na medida em que direciona a entrada do gênero discursivo na sala de aula, esclarecendo a importância de se conhecer aspectos que vão desde as características linguísticas e textuais e se desdobram à observação do funcionamento social do gênero.

A partir das abordagens supramencionadas, delinearemos claramente como o gênero conto oral constitui-se um objeto de ensino-aprendizagem. Para isso, selecionaremos um dos contos orais coletados na comunidade de Palmas de Monte Alto, transcrito seguindo os critérios da Análise da Conversação apresentados por Marcuschi (2007) na tentativa de ser o mais fidedigno possível com a oralidade.

Ponderando a conjectura bakhtiniana, Marcuschi (2005, p. 18) afirma que os gêneros são fenômenos históricos conectados à vida social e cultural dos sujeitos, são atividades sociodiscursivas e, como tal, é produto de trabalho coletivo que “contribui para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”.

Nessa perspectiva, o conto oral, enquanto gênero, é essa construção coletiva cuja finalidade é expressar hábitos e valores, guardar as reminiscências de um povo e, ao mesmo tempo, permitir as inevitáveis transições da vida, se constituindo na própria vida.

No que se refere às condições de produção e circulação, o gênero conto tem sua base na tradição oral, guardado no corpo e na mente das pessoas que habitam o lugar, e, por isso, circula de boca em boca, oralmente, por aqueles que na comunidade têm a prática e função de transmiti-los e os fazem mediante a contação. Nesse escopo, a contação de histórias será caracterizada enquanto evento discursivo. Marcuschi (2003, p.6), ao discorrer sobre os suportes de gênero, afirma que “o evento caracteriza-se como uma grandeza sociointerativa vista sob seu aspecto de realização contemplando os atores e toda a organização”.

O conto oral, por sua vez, é um gênero discursivo dotado de um padrão textual com configurações específicas e estáveis; o modo como é posto em circulação (a narração do conto) é um evento (acontecimento).

No que se refere ao conto oral “João Preguiça”, o momento da sua contação é um evento. Enquanto gênero oral, identifica-se neste texto os seguintes elementos da

estrutura comunicativa: a estrutura composicional de uma narrativa, pois compõe-se de uma situação inicial, a apresentação de um elemento complicador, o desenvolvimento e conclusão – resolução da complicação inicial.

No tocante às configurações linguísticas, observa-se que oralmente é construído por meio de sequências linguísticas ordenadas que garantem a textualidade daquilo que se quer transmitir. Além disso, por se dar pela voz, apresenta elementos particularizadores, conforme a caracterização de Dolz e Schneuwly (2004, p. 160) no quadro que segue:

MEIOS NÃO-LINGUÍSTICOS DE COMUNICAÇÃO ORAL

MEIOS PARA-LINGUÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
Qualidades da voz Melodia Elocução e pausas Respiração Risos Suspiros	Atitudes corporais Movimentos Gestos Troca de olhares Mímicas faciais	Ocupação de lugares Espaço pessoal Distâncias Contato físico	Roupas Disfarces Penteados Óculos Limpeza	Lugares Disposição Iluminação Disposição das cadeiras Ordem Ventilação Decoração

Tendo como referência esse quadro, a análise do conto oral “João Preguiça” ficaria assim:

MEIOS NÃO-LINGUÍSTICOS MOBILIZADOS PELO CONTADOR E PRESENTE NA PERFORMANCE DE CONTAÇÃO EM JOÃO PREGUIÇA

MEIOS PARA-LINGUÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
- Mudança de voz para imitar personagens; - Melodia na apresentação da canção e mesmo para imprimir ritmo à narração; - Uso de pausas; - Entonação e acentuação para marcar falas e sentimentos dos personagens – timbre alto, grave, suave, ríspido, etc; - Risos do narrador e do observador;	- Interlocutores sentados; - Realizam movimentos com braços, cabeça, mãos; Realizam-se muitos gestos com as mãos: para indicar lugar, o voo dos animais, da casa; gestos com o corpo para representar posturas dos personagens, entre outros; Mímicas faciais que externavam sentimentos vividos pelos personagens, alegria, raiva, desconsolo, tristeza, etc.	- Interlocutores sentados um lado do outro; - Rostos frente a frente; - Espaço: sala de estar, sofá; - Espaço entre interlocutores de modo que um podia tocar o outro; - Locutor intermedia com o ouvinte por meio de contato físico; toque no braço, no ombro.	Roupas normais	- Sala de estar, com sofá, televisão; luz e luz o holofote da câmara. - Sofá disposto do lado esquerdo da sala, abaixo da janela. - Narrador e pesquisador sentados lado a lado no sofá; à frente câmara e atrás desta o cinegrafista.

Além desses, é preciso destacar também a presença de elementos textuais como os marcadores conversacionais próprios dos textos orais, tanto aqueles orientados para o falante, como os dirigidos ao texto, os conectivos textuais, a hierarquia tópica, repetições, paráfrase, citação, parêntese, organizações frasais entre outros (CASTILHO, 2000), os quais esse trabalho não pretende abarcar pela profundidade que a questão exige.

Além desses elementos, é preciso também destacar o que é dizível (conteúdo) nos contos orais coletados no contexto montealtense. Verifica-se que esses contos, por seu caráter de tradição, representação e lugar de memória coletiva, remetem-se a valores que norteiam as relações familiares, o trabalho, o modo como as pessoas relacionam com a cidade (o escuro, a noite) e com seus semelhantes.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), todos esses elementos são essenciais para se trabalhar com o gênero, constituindo-se numa perspectiva central de ensino. Segundo esses autores, os gêneros, considerados instrumentos, fundam a possibilidade de comunicação e de aprendizagem, ou seja, podem e devem ser apreendidos e apropriados pelos sujeitos de uma comunidade que os utilizarão enquanto mecanismos de interação social. Entretanto, para promover a entrada do gênero conto oral na sala de aula é necessário a organização de um procedimento didático-metodológico que evidencie suas dimensões ensináveis. Nesse processo de organização, deve se levar em consideração o modo como surge o conto, o meio que circula e, principalmente, a dimensão sócio-histórica que assume.

A escolarização de um gênero discursivo produz um desdobramento: o conto como um elemento de comunicação e um objeto de aprendizagem. Logo, a sua entrada na sala de aula acontece por meio de um processo denominado por Schneuwly (2004) de *ficcionalização*, entendido como representação abstrata da situação de interação social que se vai tomar como objeto de estudo. Essa *ficcionalização*, que pode ser definida, grosso modo, como representação interna e cognitiva do gênero enquanto instrumento de interação social, pressupõe quatro elementos da produção: o enunciador, o destinatário, a finalidade/intencionalidade e o lugar social.

Nessa perspectiva, o autor aponta como proposta de intervenção didática a elaboração da sequência didática, o que abarcaria o estudo do conto oral em todas as dimensões: conteúdos, estrutura comunicativa e configurações linguísticas. Seguindo o

esquema proposto por Schneuwly e Dolz (2004) a elaboração de uma sequência didática para se trabalhar o gênero oral ficaria assim delineada:

1. Apresentação de uma situação inicial – criar uma situação que coloque o aluno em contato com o gênero conto oral, de modo que a partir disso de elabore um projeto coletivo de produção oral do gênero. Além disso, nesse momento, é importante esclarecer, interlocutores, formas que assumirão as produções, bem como, deve-se proceder à preparação dos conteúdos;
2. Produção Inicial: possibilitar ao aluno o primeiro contado com o gênero. Momento a ser guiado por uma prática avaliativa criteriosa, uma vez que daqui delineiam-se as etapas seguintes.
3. Elaboração dos módulos – de posse dos dados coletados na avaliação, cuja perspectiva é formativa, elaboram-se materiais didáticos voltados para as três dimensões textuais: aspectos linguísticos, textuais e discursivos. Isso requer do professor, pesquisa e aprofundamento teórico no sentido de conhecer as especificidades do gênero conto oral, alguns já apontados nesse trabalho.
4. Por fim, a produção final – momento em que o aluno põe em prática tudo que aprendeu durante o projeto.

Esse procedimento é apenas um roteiro de um trabalho com gênero oral, tratando, especificamente, de uma construção teórica, mas passível de se concretizar.

2. O Conto Oral: uma proposta didática

São inúmeras as razões apontadas por teóricos como Schneuwly e Dolz (2004), Marcuschi (2005), Rojo (2000) e outros que militam a favor de propostas pedagógicas que tomem como objeto de ensino-aprendizagem o gênero discursivo. Entre elas destacam a necessidade de dar ao aluno acesso a uma gama de atividades linguísticas e, assim, desenvolverem capacidades de linguagem diversas para participarem com autonomia e competência das mais diversas situações de interação verbal.

Nesse sentido, apontamos a seguir uma proposta didática de uso do gênero Conto Oral para o trabalho com a linguagem em sala de aula, em especial em turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, a proposta pode e deve ser adaptada para quaisquer anos e/ou níveis de ensino, bastando apenas um aprofundamento nos objetivos e conteúdos, bem como a redefinição de alguns procedimentos metodológicos.

MODELO DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM CONTOS ORAIS

1. **Objeto de ensino:** Produção textual (Retextualização de conto oral)
2. **Prática de Linguagem:** abordagem do gênero conto oral a partir do texto “João Preguiça”.
3. **Competências Discursivas:**
 - Identificar as características do gênero conto oral, atentando para a sua importância enquanto um instrumento de rememoração do imaginário local.
 - Relacionar elementos apresentados no texto com a realidade vivencial, recuperando por meio de imagens descritas e dados apresentados pelo narrador fazeres, hábitos, costumes e valores locais.
4. **Competências Textuais:**
 - Caracterizar o gênero conto oral nos aspectos concernentes à sua tipologia, reconhecendo a narração e a descrição como elementos estruturais predominantes.
 - Reconhecer no enredo da narrativa os elementos imprescindíveis à organização da temporalidade das informações e empregá-las em produções de contos retextualizados.
 - Identificar os fatores extralinguísticos presentes no conto oral, reconhecendo-os, enquanto primordiais na configuração de textos orais.
 - Reescrever um conto do oral para o escrito, fazendo as adaptações, realizando as operações e modificações necessárias e específicas da representação escrita.
5. **Competências Linguísticas:**
 - Conhecer as características linguísticas do conto oral no que se refere à predominância de certas formas e tempos verbais, observando a importância desses elementos na construção de textos desses gêneros.
 - Relacionar as formas verbais com tipo de discurso e de narrador do conto oral, observando a importância dos verbos para a focalização do ponto de vista do narrador.
 - **Procedimentos Metodológicos:**
 - Apresentação para a classe do conto “João Preguiça” oralmente com gravação em vídeo para posterior análise. Para isso, prepare o ambiente, adequando-o ao processo de contação.
 - Conversa sobre o conto apresentado a partir de questionamentos:
 - O que observaram durante a apreciação do conto?
 - Quem é o narrador?

- O que ele narra?
 - Quem são os personagens dessa narrativa?
 - O que sabem sobre o narrador, aquilo que ele narra/personagens da narrativa?
 - Trata-se de uma história real ou imaginária? Por quê?
 - Podemos identificar alguma coisa desse lugar nessa história? O quê?
 - Que título daria para a história narrada?
- Construção de um “Processofólio” com a participação dos alunos – mural confeccionado com papel metro e afixado na parede da sala para registrar conceitos, informações, dados relevantes sobre o tema em estudo de modo que se sintetizem os conteúdos trabalhados na aula.
 - Registros das respostas dos alunos no “Processofólio”, informando sobre o narrador, as características do gênero discursivo, o título, a história narrada entre outros.
 - Transcrição coletiva do conto e exposição em papel metro. Faça também uma tabela com os códigos para transcrição, de modo que os alunos observem os elementos textuais e extratextuais envolvidos no texto oral e na *performance* narrativa. Pode-se também digitar a transcrição e fazer cópias para todos os alunos.
 - Identificação por meio de uma análise minuciosa do vídeo e do texto transcrito as partes constitutivas do texto narrado (enredo – introdução, desenvolvimento, desfecho) registrando-os no “Processofólio”. Nesse momento, os alunos serão orientados à elaboração de um esquema que redesenhe a estrutura do texto e, em seguida, associe e encaixe as partes do texto ao esquema construído.
 - Observação dos elementos que auxiliam no processo de contação de história de “João Preguiça”: a voz, as mãos, os gestos, as pausas, as vestimentas, a posição, o lugar, respiração, risos entre outros.
 - Confecção de uma tabela, apontando as características do conto oral.
 - Busca, feita pelos alunos, do significado das palavras NARRAR e DESCRIVER no dicionário e solicitar que registrem no “Processofólio”.
 - Em seguida, identificação no conto de trechos em que há narração e/ou descrição, fazendo marcações com cores diferentes – por exemplo: grife trechos em que aparece apenas narração de vermelho e trechos em que há apenas descrição de azul. Depois, comente a importância dessas tipologias na construção do gênero textual em estudo, podendo aplicar exercícios complementares de fixação.

- Realização de estudo sobre o uso do pretérito (perfeito e imperfeito) e expressões usadas para remeter ao passado no texto transcrito. Isso pode acontecer da seguinte forma:
 - Instigue a turma com perguntas:
 - É possível identificar o tempo em que os fatos narrados no Conto João Preguiça se deram?
 - Há expressões que marcam o momento exato em que as ações ocorreram?
 - Pelos verbos usados, é possível saber se a ação ocorreu no presente ou no passado?
 - Utilize o texto em papel metro para identificar esses verbos e classificá-los em pretérito perfeito e imperfeito, explicando a diferença entre esses dois tempos verbais do passado, bem como a importância de sua utilização em textos como contos orais que, geralmente, referem-se a fatos ocorridos num passado distante que são rememorados.
 - Realize exercícios de fixação de reconhecimento e emprego dessas formas verbais em outros contos orais transcritos e ou verbalizados pelas crianças.
- Adaptação do texto oral para o escrito. Para isso, convide os alunos para, em duplas, realizar a adaptação do conto do oral para o escrito. Indique as transformações a serem realizadas para que essa adaptação aconteça – mostre as operações necessárias ao processo de retextualização do oral para o escrito, conforme aponta Marcuschi (2010) e que perpassam o plano do linguístico (idealizações: eliminação, completude e regularização), do textual (reformulação: acréscimo, substituição e reordenação), do discursivo (adaptação: tratamento das sequências dos turnos) e do cognitivo (compreensão: inferência, inversão e generalização).
- Confecção de um livro com contos narrados por moradores da cidade:
 - Convide narradores para ir até à escola contar essas histórias e/ou vá até esses narradores e peça a eles para contar história;
 - Registre a narração em vídeo;
 - Divida a turma em duplas e faça o sorteio dos contos a serem transcritos por cada dupla. Na transcrição, deverão observar a Tabela com os códigos de transcrição afixada na parede da sala.
 - Após a transcrição, cada dupla deverá retextualizar os textos transcritos, fazendo as adaptações necessárias.

○ Promover momentos para os alunos revisarem e aprimorarem suas produções, os quais podem se dá em duas etapas:

- **revisão coletiva:** explique aos alunos que irá transcrever um texto na lousa retextualizado por um deles. Desafio-os a pensar coletivamente sobre como melhorar a produção. (Antes disso, peça autorização ao aluno (dupla) para corrigir o texto coletivamente).

- **revisão individual:** cada dupla revisará seu texto. Para isso o professor junto com a classe pode elaborar um roteiro de revisão, fazendo as adequações discursivas, adequações textuais e adequações linguísticas exigidas pelo gênero em estudo.

6. Produto Final:

Livro de contos orais retextualizados, narrados por moradores do lugar. Determine com a turma o aspecto do livro e planeje sua composição, podendo incluir ilustrações (desenhos, fotografias entre outros).

Cuide ainda, para que cada texto, bem como o livro seja identificado com títulos, com o nome dos narradores (relatores) e dos editores (alunos) e uma apresentação que deixe claro, que a obra em questão é resultado de um trabalho de transcrição, retextualização de contos orais narrados por moradores do lugar. Depois de elaborado, promova um momento para divulgar o livro para escola e para a comunidade local, fazendo também a divulgação no jornal local e na rádio comunitária da cidade.

7. Avaliação:

Nesse momento, é preciso que se observe a participação e o envolvimento dos alunos nas situações de aprendizagem. Espaço também para que se identifiquem os domínios e carências em relação ao gênero oral e ao processo de retextualização. Identificadas carências, reorienta as atividades de modo que elas sejam sanadas e/ou amenizadas de modo que os alunos desenvolvam competências relativas à produção e retextualização de Contos Orais, tendo em vista os objetivos propostos.

3. À GUIA DE CONCLUSÃO

A presente pesquisa realizada em um contexto específico (Palmas de Monte Alto) evidencia que o imaginário local está repleto de histórias pertencentes à memória coletiva oral de muitos moradores, as quais podem desaparecer se não houver registros,

uma vez que mudanças no modo de fazer e ser do homem levam ao desaparecimento de práticas como a contação – forma de mantê-las vivas.

Essas histórias, analisadas sob a perspectiva dos gêneros discursivos e enquadrada na categoria de contos orais, possuem uma riqueza inquestionável do ponto de vista da linguagem popular, bem como por sua característica falada e podem ser utilizados como objeto de ensino/aprendizagem da oralidade no espaço escolar. Nesse sentido foi possível traçar uma arquitetura desses contos, evidenciando os aspectos linguísticos e textuais, considerando-os enquanto atividades sociodiscursivas, elementos de socialização que operam em certos contextos específicos.

A entrada do conto oral, na escola, significa também levar a cultura para a sala de aula e favorecer o conhecimento sistemático de uma manifestação comunicativa que incorpora e reproduz aspectos da memória coletiva. Ao fazer isso, a escola autoriza o sujeito da ação pedagógica a sentir-se cidadão e participar ativamente dessas representações.

Além disso, embutido em todo o fazer da pesquisa esteve presente o desejo de se fazer ouvir a voz dos “não ouvidos” – aqueles que foram “calados” na proeminência de uma sociedade cada vez mais dominada pela tecnologia que valoriza a escrita e a ela se atribuem poder e *status*. À oralidade é conferido valor secundário, principalmente quando se refere ao oral da classe menos favorecida. Trata-se, pois, de avivar o oral e levá-lo para o centro da ação pedagógica definindo o seu lugar de direito, de modo a se garantir às crianças e jovens o acesso aos bens culturais do lugar onde vive. Nessa perspectiva, apresentamos um modelo de proposta didática que subsidiaria atividades de linguagem em sala de aula. Modelo esse que, possível de ser adaptado ao contexto escolar, favorece situações significativas de aprendizagens.

Ressalte-se que esse desígnio é apenas um propulsor de muitas outras pesquisas a serem delineadas no âmbito da tradição oral e do conto popular oral. Muitas veredas emergem dessa proposta – como, por exemplo, aplicação prática em sala de aula, o estudo de outros gêneros orais que não os contos, um estudo no entorno desses contos focando em aspectos específicos como os linguísticos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino do português**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Repensando o Ensino)

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Procedimentos para estudos de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio**. Volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, INSS 1806-275X, 2006. Disponível em: *revistas.pucsp.br/index.php* <acesso em 08/10/2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e ensino, uma questão pouco 'falada'**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). O livro didático de português. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Análise da conversação**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Kaygangue, 2005, p.17-33.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo; Cortez, 2010.

ROJO, Roxane. (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Educ, Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

Anexo 01

Tabela referência usada na transcrição dos contos

SINAIS	OCORRÊNCIAS
()	Incompreensão de palavras ou segmentos
[[Falas simultâneas
[Sobreposição de vozes
[]	Sobreposições localizadas
...	Pausas rápidas
(++)	Pausas longas
/	Truncamentos bruscos
LETRAS MAIÚSCULAS	Ênfase ou acento forte
: ::	Alongamento de vogal
(())	Comentários do analista
- - - -	Silabação
”	Sinal de entonação marcando uma subida rápida
’	Sinal de entonação marcando uma subida leve
,	Aspas abaixo da linha para descida leve ou brusca
Reduplicação de letras ou sílabas	Repetição
/.../	Transcrição parcial ou eliminação

“ ”	Citações literais, reprodução de discurso direto
?	Interrogação

Tabela elaborada com base em Marcuschi e Castilho. Ver referências.

Anexo 02

HISTÓRIA 01 – João Preguiça

História contada por Maria Neves, professora, 59 anos, moradora de Palmas de Monte Alto desde que nasceu.

/.../ vou contar uma história que foi passada por meu pai... essa foi passada por meu pai que foi também passada pelo pai dele... uma história be/ bem antiga... mas que pessoas daqui... essa Sinhá Joana também contava... de uma maneira assim meio diferente... mas ele e:: aqui nessa região também se contava que é a história de João Preguiça... e::: diz que João Pi/ Preguiça ele e/ era era uma pessoa um jovem mui::to preguiçoso... mas preguiçoso DEMAIS DEMAIS DEMAIS... aí João era tão preguiçoso que.. na região que ele morava que era uma re/ era essa região nossa mesmo... época de umbu ele sent/ ele armava a rede embaixo do umbuzeiro e ficava com a boca aberta esperando que o umbu caísse na boca porque ele tinha preguiça de cata/ de catar umbu... a preguiça dele era tanta... então quê que ele fazia... ele armava o mundé... sabe o que é mundé? ((dirigindo-se ao entrevistador))... era aque/ sabe o que mundé? ((dirigindo-se ao cinegrafista)) é uma armação de pegar algum bicho... né? você faz uma armadilha né?... uma arapuca... uns chamam outros chamam mundé... então armava pra poder pegar o bicho... né? enquanto ele ficava lá deitado de boca aberta esperando que caísse umbu para ele chupar... então um dia ele estava lá desse jeito e aí ta lá... daí a pouco chegou um besouro... desses besourão que a gente chama mangangá... né? aí chegou perto dele zum um um um ((imitando o som emitido pelo besouro)) zoando zoando... aí começou cantar perto dele

João Preguiça vai ver o seu mundé.

ele deu um tapa no besouro “vai prá lá besouro”... o besouro deu uma volta e lá assim... voltou... esse mangangá é enjoado quando chega perto da gente, né?

João Preguiça vai ver o seu mundé.

ele tornou dá outro tapa no besouro o besouro tornou dá a volta e lá vai... e o besouro tanto enjoou João...TANTO enjoou que jaó falou “vou lá vê o que esse besouro tanto fala do mundé (++) aí ele foi... quando ele chegou lá junto do mundé tinha uma paca...

uma paca muito bonita... aí ele falou “Nossa senhora’... tem uma paca’... que beleza’hoje eu tenho comida pro resto da semana’... uma paca eu salgo vai ficar comida pro resto da semana’”... aí João pegou a faca pra matar a paca... quando ele foi pra matar a paca... aí a paca foi e falou assim... “oh... João não me mata não João... porque se você não me matar eu vou virar uma moça bem bonita e caso com você (++) aí ele foi não matou... a paca virou uma moça muito bonita e era uma moça rica... rica DEMAIS... ela tinha fazenda de gado... ela tinha muita ovelha... tinha porco... tinha muita galinha... criava patos... eu sei que a casa dela era uma MANSÃO... mas era muito linda a casa dela apesar de ser casa de fazenda aquelas casas bem antiga muito bonita e era aquilo que João queria né? Preguiçoso... armava a rede na varanda e recebia tudo na mão... mas João começou pirraçar a mulher... “traz água pra mim... paca do meu mundé”” (++) aí ela trazia água pra ele... “oh:: paca do meu mundé’ traz um pouco de doce pra mim”... e ela vinha... mas ela foi cismando com aquilo... aí ela “oh... João... você não me chama de paca do seu mundé não que eu não gosto... meu nome não é paca de seu mundé... eu tenho o meu nome... você sabe bem o meu nome... meu nome é Paula’”... aí ele pa/ aí ele “tá bom”... demorava aquela horinha... “paca de meu mundé”... tira o meu sapato aqui”... e ela ficava retada... “olha João... deixa eu te falar uma coisa... se você não parar de me chamar de paca do seu mundé... eu vou embora”... aí lá foi... quando foi um dia ele falou “oh... paca do meu mundé... traz o meu almoço aqui que eu não vou na mesa não’”... aí ela falou assim “oh João... foi a última vez que você me chamou de paca do meu mundé”... aí ela pronto... foi embora... aí João “ah’” ela foi embora mas eu fiquei... olha o tanto de gado que eu tenho ali’... OLHA”... (não tô nem aí)... daí a pouco estou uma voz cantando

*Meu gadinho que veio de Arará
dê mutamba dê mutambá*

só viu gado queBRANDO CERCA e sair voando’ ((reproduz o som do voo)) (++) não ficou um GADO... uma cabecinha de gado dentro de curral... mas quando o gado foi embora que arreventou tudo ele falou assim “mais que nada... oh quanta ovelha eu tenho no meu pasto... olha o tanto de ovelhas que ainda tem aí... olha o tanto de ovelhas”... aí ele tornou ouvir a voz

*Minhas ovelhinhas que vieram de Arará
dê mutamba dê mutambá*

as ovelhinhas também saíram voando... João ficou meio assustado “mas’ tem muito porco no chiqueiro” (++) daí a pouco a voz de novo

*Meus porquinhos que vieram de Arará
dê mutamba dê mutambá*

os porcos foram embora... e foi assim... tudo que ele falava ia embo/ por fim ficou ele e a casa... “ah”... mais ainda tenho uma casa bonita... confortável... antes eu não tinha nada’... morava no tempo”... aí

*Minha casinha que veio de Arará
dê mutamba dê mutambá*

e a casa saiu voando... ficou João sozinho... quando ele se viu nessa situação ele ficou (++) já tava acostumado no bem bom, né? ele disse assim “mas fui muito ruim mesmo” e começou a pensar que ele tinha sido muito ruim... teve de tudo aca/ acabou perdendo tudo... (não podia fazer aquilo)... aí como é que ele faz agora?... começou a se arrepender e começou a passar necessidade... /.../ aí um dia começou a cantar...

*Meu Joãozinho que veio de Arará
dê mutamba dê mutambá*

NADA... ele não voou (++) “meu Deus... me perdoa pelo que eu fiz eu não vou fazer mais nada não” e foi pedir perdão a Deus e tornou cantar...

*Meu Joãozinho que veio de Arará
dê mutamba dê mutambá*

NADA... na terceira vez ele pediu muito já quase chorando...

*Meu Joãozinho que veio de Arará
dê mutamba dê mutambá*

saiu voando... foi para Arará... lá encontrou ela ela falou assim “olha João... eu te perdoei... mas se você tornar me chamá”/... “não fala mais que não te chamo... já fiz uma jura que não te chamo” (++) desse dia em diante João começou a trabalhar... João virou homem de bem e foi vi/ viver feliz para sempre com Paula /.../